

Breve Reflexão sobre a (não) Influência do “Internetês” nos Textos Escolares

Ana Beatriz Arena (bia.arena@gmail.com)
(<http://lattes.cnpq.br/2824878181464227>)

INTRODUÇÃO

Muito se tem falado sobre a grande influência que o uso de computador, em especial a *internet*, tecnologia bastante recente, exerce sobre os adolescentes. Uma crítica recorrente reflete a preocupação que a sociedade em geral e, principalmente, especialistas em Língua Portuguesa têm no que se refere à escrita nos diferentes tipos de *chat* da *web*, como as salas de bate-papo, o Orkut, ou o MSN, todos destinados à conversação, geralmente, informal. Estarão os jovens desaprendendo a escrever?

A rede está cada vez mais disseminada, podendo ser acessada, até mesmo, em algumas, poucas, é verdade, escolas públicas do Município do Rio de Janeiro. Nas cidades de porte médio e grande, mesmo um jovem carente pode ter acesso à *internet*, seja na própria unidade escolar, seja na casa de um conhecido, seja no trabalho do pai ou da mãe. Sendo assim, é inevitável que professores, especialmente os de Língua Portuguesa, tenham em mente que essa ferramenta chegou para ficar, pelo menos por algumas gerações, e que o papel do educador em sala de aula não pode excluir essa realidade.

Sem ter a intenção, tampouco a pretensão, de fazer uma análise cabal, ao longo desta investigação voltaremos nosso olhar para a nova convenção ortográfica que os jovens internautas brasileiros vêm (re)criando dia a dia. Avaliaremos, nos casos estudados, se essa grafia dos *chats* transfere-se para os textos escolares, mesmo quando o jovem escreve de forma descuidada nos rascunhos das suas redações.

Para introduzir o tema, apresenta-se uma breve revisão bibliográfica, na qual são apresentadas algumas reflexões acerca dos diferentes gêneros textuais presentes em nossa sociedade, com destaque para as questões pertinentes ao

continuum fala/escrita. Prossegue-se, com a apresentação resumida das características gerais de *sites* de *chats*, em especial o Orkut, de onde os casos em estudo foram retirados. Em seguida, passa-se à análise de dados, feita com base em um levantamento das palavras encontradas em textos escritos por adolescentes tanto em conversas informais no suporte monitor, quanto nos rascunhos de suas redações escolares. Esses jovens estão cursando a sétima e a oitava séries do Ensino Fundamental.

Por meio deste estudo, buscamos verificar diferentes comportamentos lingüísticos no que tange à grafia de palavras. Nossa expectativa é que a análise do *corpus* leve à confirmação da seguinte hipótese preliminar: o “idioma cibernético” limita-se ao seu suporte de origem, podendo estender-se a outras situações de texto escrito informal, pois é empregado em contextos distintos daqueles em que a norma culta é exigida. Se os nossos adolescentes têm problemas ortográficos – e como têm! – a responsabilidade não pode ser atribuída única e exclusivamente ao “internetês”.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Seguindo a posição teórica defendida por diversos autores, como Bakhtin (1997, *apud* Marcuschi, 2005:22) e Bronckart (1999, *apud* Marcuschi, 2005:22), de que é impossível se comunicar verbalmente se não for por algum gênero textual, entendemos que a língua deve ser estudada em seus aspectos discursivos e enunciativos e não apenas em suas peculiaridades formais. Deve-se privilegiar sua natureza funcional e interativa.

Em nossa vida social, somos levados, o tempo todo, a fazer uso de habilidades comunicativas, seja em um bilhete que se escreva para o professor do filho, seja em uma gravação de mensagem em uma secretária eletrônica, seja em um texto que se envia para um amigo pela *internet*. Em todos esses contextos, uma determinada atividade humana se desenvolve mediada pela linguagem, que,

por envolver papéis e relações sociais, constitui-se como gênero (Meurer & Motta-Roth, 2002:11).

De acordo com Marcuschi (2005:23), gêneros textuais são “*realizações lingüísticas concretas definidas por propriedades sócio-comunicativas; constituem textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas*”. Como exemplos de gêneros textuais, o autor cita telefonema, carta (comercial e pessoal), bilhete, lista de compra, aula expositiva, reunião de condomínio, edital de concurso, piada, *outdoor*, conversação espontânea, carta eletrônica (*e-mail*), bate-papo virtual, aulas virtuais, entre muitos outros.

Observando-se os exemplos fornecidos por Marcuschi, verificamos a presença de gêneros conhecidos, já de longa data, por nossa sociedade, como é o caso da carta, ou do bilhete. Por outro lado, registramos, igualmente, a existência de novos gêneros, aqueles que surgiram com a *internet*: *e-mail*, bate-papo virtual, aulas virtuais. Embora sejam formas discursivas inovadoras, com identidade própria, têm sua origem em gêneros já existentes. O *e-mail*, por exemplo, tem como antecessores os bilhetes e as cartas pessoais ou comerciais.

Ainda segundo Marcuschi (2005:21), os gêneros emergentes instauram uma nova relação com os usos da linguagem:

Em certo sentido, possibilitam a redefinição de alguns aspectos centrais na observação da linguagem em uso, como por exemplo a relação entre a oralidade e a escrita, desfazendo-se ainda mais suas fronteiras. Esses gêneros que emergiram no último século no contexto das mais diversas mídias criam formas comunicativas próprias com um certo *hibridismo* que desafia as relações entre a oralidade e a escrita e inviabiliza de forma definitiva a velha visão dicotômica ainda presente em muitos manuais de ensino de língua. (MARCUSCHI, 2005:21)

Com efeito, as comunicações escritas produzidas em salas de bate-papo (*chats*) via *internet*, síncronas ou não, apresentam características típicas da oralidade e da escrita, constituindo-se em um gênero misto, fundado num *continuum* que se manifesta entre essas duas modalidades de uso da língua.

Trata-se, conforme esclarece Marcuschi (2004:40-41), de um gênero textual que se materializa em meio de produção gráfico, com concepção discursiva oral.

Algumas propriedades até bem pouco tempo atribuídas apenas à fala, como, por exemplo, a simultaneidade temporal em casos de troca de mensagens, são tecnologicamente possíveis na prática da escrita a distância em tempo real, com o uso do computador. É possível, ainda, por meio de imagens – ícones chamados *emoticons* –, expressar raiva, dúvida, espanto, sono, ou seja, atitudes próprias da interação face a face, que a imagem possibilita reinterpretar. Finalmente, a escrita, neste gênero, apresenta particularidades distintas das usuais, pois se aproxima da oralidade pelo tipo de linguagem, normalmente distensa, e pela natureza da relação entre os indivíduos.

Este último aspecto, a escrita em salas de bate-papo virtuais, comumente chamada de “internetês”, tem dividido os especialistas em Língua Portuguesa. Como em toda questão polêmica, há os que fazem duras críticas, geralmente aqueles que têm uma abordagem tradicional dos estudos lingüísticos, e há os que são a favor, que não vêem nada de grave na “inovação” dos adolescentes.

A maior parte das críticas volta-se para a forma de grafia usada nas mensagens eletrônicas. São muitas abreviações, com trocas de letras, simplificações de toda sorte que, dizem os críticos, estariam empobrecendo a língua portuguesa.

Recentemente, o assunto foi pauta de um programa exibido semanalmente na TVE, Observatório da Imprensa, cujo resumo podemos encontrar em *sites* da internet (Hansen, 2006; Consolaro, 2006). Durante a apresentação, um dos debatedores, Deonísio da Silva, diretor da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Estácio de Sá e colunista da revista *Caras*, chamou de “besteirol” o novo “idioma” e classificou o fenômeno como “assassinato a tecladas” da língua portuguesa. Por sua vez, a professora titular de Teoria Literária da Unicamp, Marisa Lajolo, declarou que “essa linguagem demonstra uma criatividade muito grande” e que “a nova escrita na *internet* está promovendo um ‘surto de políglotas’”. Segundo a debatedora, “o ‘internetês’ é apenas mais uma linguagem usada pelos jovens para se comunicarem entre si”,

os quais considera políglotas pela capacidade de se expressarem de maneira diferente com seus pais, professores e com os demais interlocutores da comunidade.

Não se tem, com este trabalho, o objetivo de “acalorar” a polêmica, uma vez que se trata de assunto de grande complexidade, que vai muito além da questão ortográfica, passando, com toda certeza, pelas condições de letramento de nossa sociedade como um todo e de nossos jovens em especial.

De acordo com Magda Soares (Soares, 2000:19), letramento nomeia “aquele que adquiriu o estado ou a condição de quem se apropriou da leitura e da escrita, incorporando as práticas sociais que as demandam”. Com base nesta definição, podemos questionar o quão os estudantes brasileiros são “letrados”, muitos dos quais sequer atingiram o “nível básico de letramento – ser capaz de ler e escrever” (Soares, 2000:106). Poucos são os que têm acesso a materiais de leitura de qualidade e conhecimento dos diferentes gêneros da escrita, o que influencia diretamente na qualidade de seus textos, escritos e/ou falados.

Como uma das queixas constantes de professores de Português é que, com o “internetês”, seus alunos estão desaprendendo a escrever, podemos fazer, então, o seguinte questionamento: a qualidade dos textos seria melhor se fossem escritos em grafia oficial? Deparamos, portanto, com uma dicotomia importante para este estudo: uma coisa é a grafia; outra, a língua.

Em artigo sobre o tema, intitulado *A revolução do internetês*, publicado por uma revista especializada em língua portuguesa (Língua Portuguesa, 2006:24), Sírio Possenti, professor de lingüística da Unicamp, declara que não há “linguagem nova, só técnica de abreviação no internetês”. Sendo assim, parece-nos sensato afirmar que o “internetês” não se trata de linguagem propriamente, mas de grafia.

Por isso, propomo-nos a refletir sobre o assunto, por meio de análise comparativa de textos escritos por adolescentes em uma espécie de *site* de bate-papo, chamado Orkut, e de textos que esses mesmos jovens escrevem em redações escolares. Nossa hipótese é que a análise do *corpus* leve à confirmação de que, por ser empregada em contextos distintos daqueles em que a língua

padrão é exigida, a “nova convenção ortográfica cibernética” limita-se ao seu suporte de origem, podendo estender-se, no máximo, a outras situações de texto escrito informal.

É importante mencionar que, embora os textos – tanto os da *web*, quanto os escolares – a serem avaliados pertençam a gêneros textuais diferentes, esse fator não é relevante para a pesquisa, uma vez que a preocupação desta é única e exclusivamente com a questão gráfica em cada gênero estudado.

1.1 O Orkut e sua importância para esta pesquisa

Segundo artigo publicado em uma página da internet conhecida como Wikipédia (Wikipédia, 2006), o Orkut é uma comunidade virtual afiliada ao Google¹, criada em 22 de janeiro de 2004, com o objetivo de ajudar seus membros a criar novas amizades e manter relacionamentos. Também conhecido como rede social, seu nome origina-se daquele do projetista chefe, Orkut Büyükkökten², engenheiro do Google Systems (Wikipédia, 2006).

Cada usuário possui uma conta e um perfil. Apenas pode criar uma conta quem for convidado por um usuário, e este pode colocar como seus "amigos" outros que já façam parte da comunidade. No perfil, encontram-se algumas características pessoais, como descrições físicas, listas de livros e músicas preferidos, texto de apresentação etc. Neste aspecto, o Orkut é um banco de dados sobre quem é amigo de quem, ou seja, sobre a rede de amizades.

Analisando-se de um ponto de vista menos ingênuo, essa rede é, na verdade, uma imensa base de informações demográficas abrangentes, preferências pessoais, informações sobre o meio social. Trata-se de ferramenta importante para a seleção de candidatos a empregos, permitindo conhecer um conjunto de dados que jamais poderiam ser perguntados em uma entrevista de seleção, mas que a maioria não se importa em manifestar na comunidade: etnia

¹ O Google é um site de busca, bastante avançado, muito usado na internet. Por meio dele, é possível fazer as mais variadas pesquisas sobre diferentes assuntos.

² Apesar de Orkut ser um nome próprio, no *design* do *site* (títulos e logos) a palavra está em minúscula (orkut); por causa disso, utilizar "orkut" também é válido. Neste trabalho, porém, optamos pela inicial maiúscula.

dos familiares, perfil das amizades, gostos pessoais, orientações políticas e sexuais, opiniões diversas. Pode vir, em adição, a servir a propósitos persecutórios.

Segundo a fonte consultada (Wikipédia, 2006), os jovens são os que mais têm interesse no Orkut. Aproximadamente, 50% são pessoas que têm de 18 a 25 anos, porém esse número não é real, podendo ser maior, pois menores de 18 anos também participam da rede, colocando idades incorretas.

Embora o Orkut não conste na literatura como um *chat da web*, neste trabalho a comunidade será considerada como tal, pois uma de suas propriedades é justamente o envio de recados escritos (*scraps*) entre os usuários pertencentes a uma mesma rede de amigos. Essa particularidade está em consonância com o que Fonseca (2002, *apud* Araújo, 2005:100) classificou como *chat* de texto livre, no qual a conversação é de tema livre, podendo ser negociada no momento da interação. Em virtude dessa característica e do tipo de relacionamento que os usuários têm entre si, o material coletado no Orkut se apresenta bastante propício e profícuo para o objetivo desta pesquisa.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DE DADOS

Os dados para análise foram coletados de duas fontes diferentes: do Orkut e de rascunhos de redações produzidas em ambiente escolar. Em ambos os suportes, monitor e papel, os autores dos textos escritos eram os mesmos: adolescentes cursando a sétima e a oitava séries do Ensino Fundamental em uma escola particular do Rio de Janeiro.

Esse levantamento teve o objetivo de, por meio de uma análise comparativa entre os textos escritos em cada suporte, verificar se a “convenção ortográfica”, ou internetês, empregada por um adolescente na *web* se reproduziria em seu texto escolar.

A utilização dos rascunhos das redações escolares, e não o texto final, para fins de comparação com os textos escritos na página de recados do Orkut justifica-se pelo fato de o ato de rascunhar ser um procedimento em que o aluno

encontra-se “desarmado”, menos preocupado com as regras morfo sintáticas e ortográficas da língua. Ele sabe que o rascunho serve para organizar suas idéias, sendo normalmente descartado assim que o texto é “passado a limpo”. Essa característica torna o rascunho semelhante aos recados escritos na *web* em pelo menos um aspecto: é material que não sofrerá correção do professor, poucas vezes passando pelo olhar crítico deste. Para manter esse caráter informal do rascunho, em cada uma das atividades selecionadas para esta pesquisa os alunos não foram avisados previamente de que deveriam entregá-lo à professora juntamente com o texto final.

Ao todo, o *corpus* é composto por material escrito de 12 estudantes, sete da sétima série e cinco da oitava. A quantidade de recados retirados das páginas do Orkut variou; o mesmo, porém, não ocorreu com os rascunhos, tendo sido utilizados três de cada aluno selecionado em cada série, totalizando 36 redações, 21 da sétima série e 15 da oitava.

Os estudantes foram escolhidos conforme sua produção escrita na página de recados, ou seja, aqueles que tinham um volume maior de textos foram os incluídos nesta análise.

2.1 Levantamento de palavras e suas ocorrências nos respectivos suportes

O primeiro passo após a coleta de dados foi registrar as palavras que tiveram maior ocorrência nos recados escritos na *web* pelos 12 adolescentes que fazem parte desta pesquisa (Quadro 1). Em seguida, foi feito um levantamento dessas mesmas palavras em todos os rascunhos escolares para verificar se havia a ocorrência de termos empregados na *web*, independentemente de como foram grafados. Em caso afirmativo, selecionaram-se as palavras mais freqüentes, procedendo-se, então, a uma contagem a fim de verificar quantas vezes foram utilizadas pelo total de alunos. Por fim, foi observado se as palavras selecionadas estavam grafadas conforme a norma padrão ou conforme o “internetês” (Quadro 2).

A seguir, listamos, na coluna 1, as palavras que tiveram maior ocorrência nos recados escritos na página do Orkut, exatamente como foram grafadas pelos

12 adolescentes que fazem parte desta pesquisa. Na coluna 2, apresentamos essas mesmas palavras, conforme a ortografia oficial.

Quadro 1

1	2
Grafia no Orkut*	Grafia oficial
q	que
u(s) / du(s) / nu(s)	o(s) / do(s) / no(s)
i	e
tava	estava
c/ce	se (conjunção)
num/naum/	não
mtu/mto/mta	muito/muita
akele	aquele
dps/dpois	depois
tb/tmb/tbm	também
knd/qndo	quando
vc	você
dexa/dexr	deixar
tah	está

* Alguns exemplos dos textos originais que foram retirados do Orkut estão no Anexo 1.

No Quadro 2, apresentamos os termos mais freqüentes nos 36 rascunhos escolares, independentemente de sua grafia; em seguida contabilizamos o número de ocorrências conforme a grafia oficial e o número de ocorrências conforme o “internetês”.

Quadro 2

Termos mais freqüentes*	Número de ocorrências conforme a grafia oficial	Número de ocorrências conforme o “internetês”	Total
que – q	246	8	254
o(s) / do(s) / no(s) – u(s) / du(s) / nu(s)	332	–	332
estava – tava	19	–	19
se – c/ce (conjunção)	59	–	59

não – num/naum	108	12	120
aquele – akele	17	–	17

* Alguns exemplos dos textos originais que foram retirados dos rascunhos de redações estão no Anexo 2.

2.2 Análise dos dados

Em uma rápida análise do Quadro 2, é possível verificar que a maioria absoluta das palavras registradas conforme a nova “convenção ortográfica” dos jovens não se reproduz nos textos escolares. Podemos, entretanto, observar duas situações em que o “internetês” substituiu a grafia oficial:

- a) Houve oito ocorrências do “q” em substituição ao “que” em rascunhos de dois alunos, mas podemos considerá-las como caso isolado, uma vez que seu emprego se deu em pequena proporção: em um universo de 254 ocorrências da palavra, somente oito vezes o “q” foi registrado, enquanto a forma preconizada pela norma culta – “que” – teve 246 ocorrências. Vale dizer que, nas outras vezes em que ambos os alunos empregaram a palavra em seus textos escolares, fizeram-no conforme a grafia oficial.
- b) A ocorrência do “naum” e variantes no rascunho escolar deu-se com frequência um pouco maior. Ainda assim, é importante ponderar a importância desse emprego, já que somente um aluno – novamente, um dos citados no item a – foi o responsável pelas 12 substituições. Ressalte-se, ainda, que, em outras nove ocorrências da palavra, este mesmo aluno empregou-a conforme a norma ortográfica vigente: “não”.

Em síntese, dos 12 alunos selecionados para este estudo, somente dois deles empregaram em seus rascunhos escolares palavras grafadas conforme o “internetês”. Ademais, dessa dupla, apenas um empregou em quantidade razoável a nova convenção ortográfica comum na *web*: duas vezes o “q” e 12 vezes o “naum”. Entendemos, portanto, que essa quantidade razoável deve ser avaliada com reservas se considerarmos o número de vezes que as palavras foram grafadas conforme a norma ortográfica vigente.

Dissemos no início deste trabalho que o texto final (aquele reescrito após o rascunho) não seria objeto de estudo nesta pesquisa, em virtude de seu caráter de maior formalidade no ato da reescrita, já que é ele o objeto de correção do professor, pelo qual o aluno será, de fato, avaliado. Todavia, consideramos interessante mencionar que em nenhuma das versões finais houve registro do “internetês”, nem mesmo no texto daquele aluno que se mostrou mais propício a fazer uso desta forma de escrita nos rascunhos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme exposto na introdução, este estudo não se propôs a fazer uma análise cabal da influência, ou não-influência, do “internetês” nos textos escolares. Nosso objetivo foi tão-somente começar a refletir sobre o tema, com base na hipótese de que o “idioma cibernético” limita-se ao seu suporte de origem, o que poderia, pelo menos por ora, tranquilizar aqueles especialistas em Língua Portuguesa que vêm com grande preocupação essa “inovação” dos adolescentes.

O que observamos foi que, de fato, a “convenção ortográfica” dos jovens internautas é passível, sim, de estender-se a outras situações de texto escrito, mesmo que seja escolar. Neste caso, porém, o fenômeno se dá de forma muito restrita e somente em um contexto de maior informalidade, como é o caso do rascunho de uma redação, pois, no momento em que redige essa versão de seu texto, o aluno está “desarmado” e sabe que aquele material em especial não sofrerá as críticas do professor.

Embora este estudo não tenha tido como foco a versão final do texto escrito em ambiente escolar, mas, sim, seu rascunho, é de grande relevância o fato de que, no texto “passado a limpo”, nenhuma palavra foi grafada em “internetês”. Com isso se comprova que, pelo menos para o grupo estudado, os alunos sabem diferenciar os contextos em que podem usar e abusar de seu “código secreto” daqueles em que precisam usar a norma culta, empregando as palavras conforme a ortografia oficial vigente. Isso não quer dizer que não ocorram

erros de grafia de palavras, mas isso se deve a outras questões lingüísticas, que fogem ao escopo deste trabalho.

Uma vez que, diferentemente de diversos especialistas em Língua Portuguesa, não consideramos o “internetês” erro ou necessariamente desconhecimento da grafia oficial das palavras, cabe-nos ressaltar, fazendo coro com a Professora Marisa Lajolo, que a nova escrita na *web* está promovendo, se não um “surto”, ao menos uma grande quantidade de “políglotas”. Políglotas que fomos na nossa infância e adolescência, quando falávamos a “língua do pê”, políglotas que somos hoje, quando, na pressa, abreviamos palavras, como “vc” (você), “p/” (para), “c/” (com), entre outras, a fim de economizar tempo e espaço.

Sem a pretensão de ter uma resposta definitiva para a pergunta feita no final do primeiro parágrafo deste trabalho – “Estarão os jovens desaprendendo a escrever?” –, podemos dizer que, na realidade, os problemas ortográficos que os jovens estudantes apresentam não têm, pelo menos no momento, qualquer relação com o uso do “internetês”. Os erros de grafia que a nós, professores de Língua Portuguesa, tanto preocupam têm sua origem na baixa qualidade do sistema educacional brasileiro, no pouco valor que se dá à alfabetização e ao letramento de nossos alunos.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Júlio César Rosa de. A conversa na *web*: o estudo da transmutação em um gênero textual. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio & XAVIER, Antônio Carlos (orgs.) **Hipertexto: e_gêneros_digitais**. 2ª. ed., Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

CONSOLARO, Hélio. **Entre o Português e o Internetês, a Polêmica**. Disponível em:
<http://www.portrasdasletras.com.br/pdtl2/sub.php?op=polemica/docs/entreoportugues>. Acesso em 18 de janeiro de 2006.

HANSEN, Karla. **Internetês: Ameaça à Língua Portuguesa**. Disponível em:
<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/jornal/materia.asp?seq=227>. Acesso em 18 de janeiro de 2006.

LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo: Editora Segmento, ano I, n. 5, p. 24, mar. 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela P., MACHADO, Anna R. & BEZERRA, Maria A. (orgs.) **Gêneros textuais e ensino**. 3ª. ed., Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

_____. **Da Fala para a Escrita: Atividades de Retextualização**. 5ª. ed., São Paulo: Cortez, 2004.

MEURER, José Luiz. Uma dimensão crítica do estudo de gêneros textuais. In: MEURER, José Luiz & MOTTA-ROTH, Désirée (orgs.). **Gêneros Textuais e Práticas Discursivas: Subsídios para o Ensino da Linguagem**. São Paulo: EDUSC, 2002.

SOARES, Magda. **Letramento: Um Tema em Três Gêneros**. 2ª. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

WIKIPÉDIA. **Orkut**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/orkut>. Acesso em 24 de janeiro de 2006.

mas **nun** sei naumm, eh lah na barra i talz...
bjaumm

Aluno 6 – texto enviado em 15/12/2005:

haaaaaaaa
dpois me conta do xou...
vi minha fto **nu** seu album
hahahah...eternas companheiras da fadiga

Aluno 7 – texto enviado em 20/12/2005:

Oi,
Eu **tb** passei, to **mtto** feliz.
Então até amanhã na Formatura.
Bjão, Gabi

Aluno 8 – texto enviado em 1º/1/2006:

eu sei **q** agora vc **tah** no voo + **qnd** chegar dah noticias
boa viagem
t amo **mtto**
bjus

Aluno 9 – texto enviado em 3/1/2006:

vlww kra pra **vc tbm** pod **dexa** da proxima vez eu ajudo =] abracaum

Aluno 10 – texto enviado em 9/1/2006:

Feliz anu novo p/ geral **tmb**....bjao...
Jp ja t add....**vc** acha **q** so eu q caio mesm?
hAHuhuahuhuhuahua
Sao os dois....
Bju

Aluno 11 – texto enviado em 9/1/2006

po.. tem **mta** coisa aki pra te conta mininaaa, mas **tb** so vo conta **qndo** vc volta! i eu vo pro rancho dia 14 i eu ja vi **akela** paradaa do email de la eh **akele** msm q eu falei

Aluno 12 – (sem data):

E aew, Jojo???
Eu to **aki** pra fla d uma pessoa **q** eu conheço há 7 anus, mas q mesmo assim eu sei **mtto** poko sobre ela... eh vc!!! mas, eu **tbm** to aki pra fla da pessoa especial e radical(ao pé da letra...) q vc eh. Kra eu me lembro tdos os dias das suas revoltas, das vezes q vc para a aula pra fla algu pra turma e tdo mundo pra pra t escutar...

ANEXO 2. Alguns exemplos retirados dos rascunhos escolares.

Aluno 1

a mesma coisa que aquele ~~que~~ levantou
e já está aquele ~~que~~ nas fuquinhas e q~~ue~~ na
porta.

Então aprendi a valorizar ~~este~~ mais ainda

o trabalho do padre.

Depois de dois dias mais eu mesmo ~~o~~ padre
já estava de volta e tudo voltou ao normal.

Aluno 2

Fiquei durante horas tentando decidir o bilhete,
mas, nada. Até ~~que~~ me lembrei d um grande
amigo ^{de minha} ~~meu~~ ~~q~~ era muito bom em desvendando
mistérios e observar os menores detalhes ~~que~~aju-
dam em grande parte do trabalho, então resolvi
ligar. Após meia hora ele já estava aqui, olhando
~~o tipo e o bilhete~~, até ~~q~~.

Aluno 5

A ~~reia~~ ~~estava~~ meio ^o ~~razão~~, parecia
~~que~~ todos estavam com medo. Fiquei pensando ~~se~~
um serial killer quisesse me matar, ele ~~não~~
acertaria.

Quando cheguei em casa, liguei a tele-
visão, e vi ~~no~~ noticiário: "Mafados em série amedrontando
as pessoas com ligadas."

Por ~~um~~ ~~de~~ dias, eu quanto a ~~montador~~ ~~o~~
estivesse preso, eu ~~não~~ saia mais de ~~ki~~. Fiquei
em pânico, a ~~hora~~ de um ataque, ~~m~~ atendia
o telefone, ~~o~~ ^{dormia} ~~o~~

Aluno 6

seria o autor daquele bilhete. Estava curioso demais para pensar duas vezes antes de agir, por isso ~~torquei~~ rapidamente de roupa e corri para aquela barquinha. Eu estava me sentindo o protagonista de um filme de ação, entrando num boteco, com bêbedos estirados no chão e um matador a minha espera. Logo percebi que nem todos os filmes têm finais felizes. Havia um homem com o rosto coberto pela sombra, senti um arrepio, mas continuei andando para ver do que se tratava. O assombroso

Aluno 8

O jovem João ^{seminovici} ~~estava~~ passando por um humilhante ~~destruição~~ ^{destruição} e além, um ~~travessa~~ ^{travessa} defeito. Foi que o me estava desanimado, sem a que de ambição e sonhos? Com um pouco mais? Acho que meus, a segurança é importante... mas nem tenho de chegar no ponto de ~~travessa~~ ^{travessa} um jovem ~~destruição~~ ^{destruição} mendicância. O grande, pode dizer que poderia ter sido um golpe + ~~meu~~ ^{meu} golpe seria um jovem definitivo ~~destruição~~ ^{destruição} João ~~estava~~ ^{estava} com um ~~destruição~~ ^{destruição} segurança ~~destruição~~ ^{destruição} ninguém é ~~destruição~~ ^{destruição} assim.

Aluno 10

~~ela~~ ^{em que} nos conhecemos na padaria onde seu pai ~~trava~~ ^{era} ~~trava~~, ela estava ajudando a preparar os pães, eu a achei carinhosa no primeiro momento que a vi, sentia uma paixão incontrolável, mas fingi que não para ~~não~~ ~~destruição~~ ^{destruição} ~~destruição~~ ^{destruição} da boca. ~~(com a mão no)~~